

Transformações em centros históricos - expansão, degradação e recuperação: O caso do Recife Antigo(Brasil)¹

RESUMO:

O presente trabalho busca apresentar o bairro histórico da Cidade do Recife, localizado no Nordeste brasileiro, com um local em estágio de recuperação urbana. O bairro antigo da Cidade do Recife, anteriormente um dos principais portos da colônia Portuguesa, apresenta materializada em suas formas arquitetônicas as diversas transformações ocorridas no local ao longo do tempo. O antigo bairro portuário passou por grandes transformações durante seu desenvolvimento histórico, engrenadas por interesses em busca de melhorias econômicas, geradas a partir da valorização portuária e da construção de prédios públicos na área do bairro. Porém, após os tempos de glória, o bairro sofreu por quarenta anos com um processo de degradação urbana, resultado de fatores como a metropolização ocorrida em várias capitais brasileiras; decadência cultural do centro histórico; surgimento de outros pontos de alto valor na cidade e invasão do comércio informal. Contudo, a partir dos anos setenta, o bairro iniciou uma nova etapa do ciclo de desenvolvimento urbano, começando seus processos de recuperação urbana, numa busca de revigorar a imagem da área histórica da cidade, resgatando sua função como um local onde os sentimentos de identificação de uma população se encontram, e incluí-lo em um processo de acumulação do capital, o qual, de início privilegiou o setor imobiliário e posteriormente caminha de forma conjunta para uma inclusão do setor Tecnológico Informacional. Estes processos de recuperação passaram ao longo do tempo por diversas formas de financiamentos, com diversos meios de participação da população, porém com a mesma ideologia: recuperar o espaço do centro histórico, buscando não apenas a recuperação das estruturas construídas, mas sim, a qualidade de ambiental de toda a área. Desta forma, o presente trabalho enquadrado o caminhar histórico do bairro em dois momentos de desenvolvimento urbano. O primeiro que trata da sua expansão até sua degradação, e o segundo, que aborda os momentos revitalização do bairro. O mesmo texto procurou observar que, os processos de degradação urbana são um caminho trilhado por todas as aglomerações urbanas, sendo assim, um ponto inexorável ao desenvolvimento, variando de intensidade em cada local em função das ações dos detentores de poder político, porém gerando de modo incontestável uma perda dos valores históricos, sociais, culturais e econômicos dos antigos centros urbanos. A partir disto, o processo de renovação urbana é o meio capaz de reverter o quadro apresentado nos espaços centrais de diversas cidades do mundo. Revigorando o sentimento da população com a área histórica da cidade, estimulando o (re)encontrar com o centro, recuperando as formas arquitetônicas e em busca de melhorias sociais. Utilizando Recife como pano de fundo para o debate, foram observadas as transformações ocorridas nas formas encontradas no bairro ao longo do tempo. Por isto, as leituras e observações de documentos históricos foram de grande importância além de observações realizadas *in locu* dos atuais processos de recuperação do bairro antigo do Recife, buscando compreender os reflexos encontrados

¹ Eixo Temático: 5 - Dinâmica Urbana; Metropolização, Reestruturação urbana e transporte

no espaço, como a valorização da propriedade privada e exclusão das camadas de baixa renda da área. Procura-se então com este trabalho, compreender tantos as implicações construtivas no processo de recuperação urbana, quanto seu reflexo social sobre os moradores das áreas recuperadas, afinal, estes são os principais atingidos por tais programas. Assim também, concebeu-se o bairro do Recife como local que suplica por parcerias privado-públicas devido a sua dependência de novas técnicas de recuperação, porém com um grande potencial turístico e econômico.

Palavras Chaves: Centro Histórico; Recuperação Urbana; Recife.

INTRODUÇÃO

O bairro histórico do Recife, tombado em 1998 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é destacado pela diversidade arquitetônica, com presença de diferentes padrões urbanísticos em sua área. O local é classificado, segundo Mertins (2006), como um Centro Histórico² de Interesse Arquitetônico Urbanístico e ou Cultural³.

Localizado entre 8° 04' 00'' de Latitude Sul e 43° 52' 00'' de Longitude Oeste, a cidade do Recife apresenta-se como uma metrópole de grande importância para a rede urbana do País.

Grandes obras urbanas remetentes a grandes avanços tecnológicos marcaram a paisagem recifense durante séculos. Construções de pontes, aterros, diques, abertura de grandes avenidas, alargamento das vias existentes e desapropriações são alguns dos exemplos de atividades desenvolvidas por gestores públicos (algumas vezes com auxílio ou influência de setores privados) que se tornaram comuns no bairro central da cidade.

O bairro que viveu anos de desenvolvimento, após uma determinada época não era mais o centro econômico, social e cultural da cidade. A partir do final da década de 1930, o local sofreu um longo processo de esvaziamento econômico e de degradação das infra-estruturas urbanas (LACERDA & ZANCHETTI, 1999).

Na década de 1970 dois novos centros com populações de classe média e alta, estruturas verticais e apresentando comércios e serviços especializados surgiram em diferentes direções da cidade. Bairros como Boa Viagem, Casa Forte, Espinheiro dentre outros nas regiões Sul e Centro-Oeste ganharam força econômica e fizeram com que o antigo Bairro Central acelerasse um processo de perda populacional, iniciado 40 anos antes.

O centro pulsante entre os séculos XVII e XIX, de uma cidade economicamente dependente do açúcar produzido nas margens de seus rios, perdeu a imagem associada ao comércio e ao setor dos serviços, tornando-se um ponto favorável à prostituição, casas noturnas de baixo nível e venda de drogas.

O Centro do Recife composto por Santo Antônio, São José, Boa Vista e o Recife Antigo, passa a ser considerada uma das principais áreas problemas de toda a cidade, principalmente devido à ocupação das ruas e espaços públicos pelo comércio ambulante. No Bairro do Recife, a degradação física das edificações e dos espaços

² Segundo Mertins (2006) o Centro Histórico nem sempre coincide com o centro da cidade atual. Devido a crescente urbanização e uma força dos aspectos econômicos, os antigos centros históricos perderam vitalidade e são aos poucos deteriorados.

³ Segundo Mertins (*op. cit*) bairros com interesses urbanísticos e culturais são aqueles formados na última década do século XIX até os anos 30 do século XX que apresentem uma arquitetura particular e recursos técnicos, sociais e culturais.

públicos associada à ausência de “vida urbana” estigmatizou área como zona “marginal” e perigosa (LACERDA & ZANCHETI, 1999).

Desta forma, a região em redor do porto deixa de ser alvo de ações públicas e fica até a década de 1970 sem receber atividades concretas que busquem a sua melhoria estrutural e social. Apenas em 1976, o centro do Recife passa a ser palco de ações “revitalizadoras”, que buscavam integrar o desenvolvimento econômico com a preservação das formas originais.

A partir da implantação deste plano, enquanto as principais capitais Europeias chegavam ao fim um forte período de extensão urbana e suburbanização e uma jovem e abastada população começava a redescobrir os centros históricos das cidades (PAAL, 2008), a cidade do Recife via a necessidade de preservar e revitalizar o seu centro histórico.

O Recife, caminhando em forma conjunta com outros centros mundiais, passou a compreender que os centros históricos são locais que mais carregam os sentimentos de identificação de uma população e a degradação de suas áreas, geraram mudanças nos valores arquitetônico-urbanísticos estimulando os esforços políticos e privados em busca da manutenção das áreas (MERTINS, 2006). Ademais, estes esforços vêm combinados com grandes alterações no espaço, dando importância também social e não apenas arquitetônica aos processos de recuperação de áreas, tornando essencial compreender as ações que buscam recuperar as formas urbanas e quais as suas repercussões sociais.

Desta maneira, o bairro do Recife tornou-se palco de intervenções com atores em busca da renovação de sua área. Algumas peças dirigidas com êxito, outras com fracasso, porém com um roteiro em comum, recuperar a área deteriorada do bairro.

Com este pensamento, as renovações urbanas surgem como forma de recuperar um quadro ambiental degradado, e que deve ter o homem como ator principal deste processo. O processo de recuperação de áreas deve funcionar de maneira dupla, onde o desenvolvimento social asseguraria a criação de uma identidade com o lugar e, logo, a proteção de um patrimônio arquitetônico urbanístico.

A partir desta perspectiva, o presente texto busca de maneira introdutória compreender como as ações de revitalização transcenderam a esfera da recuperação arquitetônica e buscam uma requalificação ambiental do espaço geográfico da cidade, gerando assim importantes transformações no centro histórico da cidade portuária.

Para realização do mesmo, é apresentado o desenvolvimento histórico do bairro do Recife, onde se procurará compreender os principais atores de formação e os principais modelos de recuperação de suas estruturas, tanto urbanas quanto sociais.

TRANSFORMAÇÕES EM CENTROS HISTÓRICOS: Expansão e Degradação do Bairro do Recife

A cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, construída ao longo de 500 anos por forças indígenas, africanas, holandesas, judaicas, portuguesas, francesas, sertanejas, dentre outras, apresenta em seu espaço uma sobreposição de formas características de diferentes épocas.

As formas das paisagens do Bairro Central registram a presença destes grupos e como lembra Gomes (2006, p. 4):

“Cada elaboração, cada registro faz com que a cidade se apresente com uma unidade datada que revela a época em que foi originada e o conjunto de técnicas que foi elaborado em sua construção. Assim, cada exercício da transformação de sua estrutura deixa marca no tecido urbano que podem ser vistas como atrasos, se não estiverem em

bom estado de preservação, ou como memória preservada e patrimônio da humanidade.”

Gomes (*op. Cit.* p.4) continua dizendo que o Recife é “o resultado de um agrupamento de forças múltiplas, uma teia formada por finas linhas, com materiais de diversas procedências”. Como uma testemunha dos acontecimentos do passado e do presente, o seu centro antigo pode ser considerado o local onde a presença destas forças múltiplas intensifica-se, coexistindo em uma relação complexa e transgressora de tempos.

Desta forma, a cidade do Recife “exibe em sua paisagem características muito marcantes de sua multiculturalidade” (GOMES, *op. Cit.* p. 4). Esta característica confere ao Recife uma paisagem única, composta de marcas de um passado complexo.

A partir disto, podemos compreender o centro histórico como um resultado de transformações passadas, que perduram até os dias atuais; suas formas funcionam como testemunhos de diversos acontecimentos e expressam os fatos do passado e do presente, exercendo uma função dupla como uma parte da cidade do passado e do período atual (VERGARA, 2006).

Desta maneira, necessita-se compreender a evolução do bairro do Recife Antigo, como local representativo da identidade da população recifense construído ao longo de séculos, sendo assim um patrimônio cultural da cidade do Recife.

O porto natural da capitania de Pernambuco, que de início não dispunha de uma importância econômica, recebeu uma enorme variedade de nomes com o passar dos tempos. Desde “Arrecifes dos Navios”, passando por “Porto de San Telmo” e “Ribeira Marinha dos Arrecifes”.

As características naturais que no início do processo colonizador desestimularam os portugueses a ocupar a área proporcionaram ao Recife se tornar um importante porto exportador dos produtos vindo da capitania de Pernambuco⁴.

Josué de Castro (1987) também lembrava que Recife era uma planície encharcada, onde as condições locais pareciam pouco propícias ao assentamento do núcleo urbano. Desta forma, como escreveu Girão (2005, p. 59):

“Recife, localizado na foz do Rio Capibaribe, passou a ser habitado por pescadores e navegadores. Possuía apenas uma povoação com armazéns de açúcar, tavernas e prostíbulos. Entretanto, Recife possuía sua função dentro da Estrutura Territorial de Acumulação concretizada.”

Com a função portuária concretizada, Recife ganha uma importância no território Brasileiro em função das características naturais. O porto da cidade gerou importante dinamismo para a área e ligações com o resto do mundo. O Recife tornava-se assim um lugar de comércio (REZENDE, 2002).

O próprio Rezende (2002, p.26) continua a lembrar a importância que o porto tomou ao mencionar os cuidados da coroa portuguesa com a segurança destinada aos armazéns da área portuária:

“O esquema de segurança que foi sendo montado pela metrópole portuguesa mostra a excelência do porto, com seus arrecifes, lugar

⁴ A opção de Duarte Coelho de tornar Olinda a sede do governo da Capitania de Pernambuco e, conseqüentemente, Recife como porto, não foi sem uma justa causa. Os portugueses já possuíam experiência em colonizar áreas desconhecidas e sabiam que uma área próxima ao mar, como era o caso de Recife, representava um alto risco de invasão de estrangeiros e do próprio gentio (GIRÃO, 2005 p. 59).

estratégico para negócios, sendo já, no final do século XVI, o porto de maior movimento da América portuguesa”

Com isto, o crescimento da cidade acelerou-se e o Recife começou a conflitar com Olinda em importância. De uma população degradada a cidade passou a ter contato com o mundo através do comércio portuário e, acompanhada pelo desenvolvimento da capitania de Pernambuco, o desenvolvimento do Recife como entreposto entre a colônia e a metrópole chamava a atenção.

Em 1630 chega ao Recife a esquadra Holandesa, apenas nove anos após criarem a Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã. Não como uma simples excursão, ou um desordenado ataque pirata, mas sim com uma frota destinada a conquistar definitivamente o território luso.

Com o desembarque aproximado de 7 mil homens em 67 navios no dia 16 de fevereiro de 1630, na praia de Pau Amarelo se deu início de modo simples e direta a ocupação do território português. Olinda, antiga capital de Pernambuco, caiu em 1631 e o Recife passou a ser o centro referencial da capitania.

Em 1637 chega ao Recife o novo governador-geral dos territórios holandeses. O Conde João Maurício de Nassau-Siegen, então com 32 anos, vinha ao Recife com obrigação de controlar o território e desenvolver os negócios holandeses. Com ele vinham também arquitetos, pintores, historiadores, desenhistas e uma série de alterações no espaço urbano da cidade.

Dando um enfoque a estas alterações no espaço da Cidade, citam-se as diversas obras ocorridas após a chegada dos Holandeses. Segundo Gomes (2006) “a primeira ponte do Brasil era construída no Recife e fazia a ligação do porto (atual ilha do bairro do Recife) à cidade Maurícia (atual bairro de Santo Antonio).

Além disto, avenidas, diques e pontilhões que, buscavam também a dinamização do porto do Recife, alteravam o espaço e a paisagem da cidade. Porém o principal marco da administração holandesa foi a construção de aterros para o aumento territorial da cidade. Recife era um grande alagado, e a crescente necessidade habitacional rugia aos administradores.

Desta maneira, observa-se que o domínio Holandês gerou intensas modificações no espaço do Recife, deixando marcas no espaço. Várias rugosidades⁵ dos tempos de Nassau são encontradas na paisagem do bairro antigo, tais como a antiga Rua dos Judeus (atual Rua do Bom Jesus) ou a Ponte Maurício de Nassau.

Com a demissão de Nassau da Companhia das Índias Ocidentais, sua volta a Amsterdã em 1640 e uma série insatisfações econômicas, o domínio Holandês no Brasil começa a ruir. Após uma série de batalhas iniciadas em 1645, Portugal retoma o domínio do território.

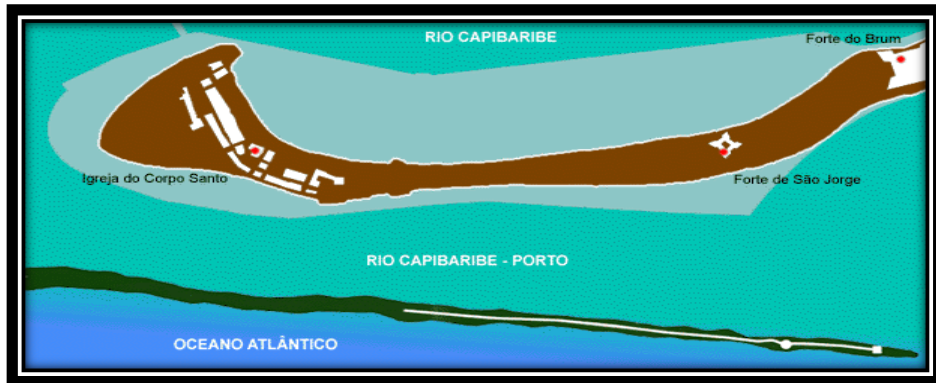
A partir da expulsão dos holandeses no século XVII uma nova reforma urbana teve início e o Recife (representado pelos seus governantes Lusitanos) iniciou a busca pelos elementos característicos de Portugal. Contudo as transformações geradas pelos holandeses foram marcantes no espaço persistindo até o momento atual.

Dentre as principais mudanças, podemos ver na seqüência de desenhos abaixo o aumento na área do bairro em função dos aterros construídos pelos Holandeses (DESENHOS 1 a 3). Porém como lembra Pontual (2007) estes aterros geraram mudanças lentas e graduais no espaço da cidade. As grandes mudanças iriam ocorrer a partir do século XIX

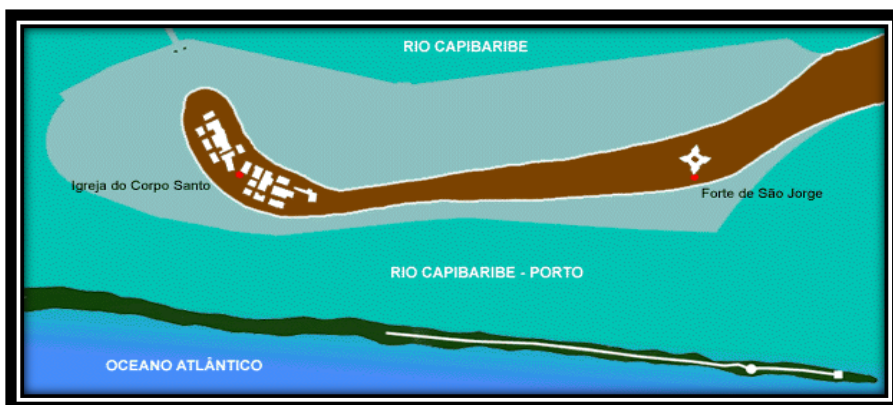
⁵ Rugosidades, segundo Milton Santos (2002) são marcas do passado que permanecem no presente. Como afirma o autor: “as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas, os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho” (SANTOS, 2002, p. 92).

Após a expulsão holandesa, o crescimento da cidade continuou sua expansão para fora da ilha portuária e muitos edifícios públicos, privados e de ordens religiosas foram construídos na antiga cidade Maurícia.

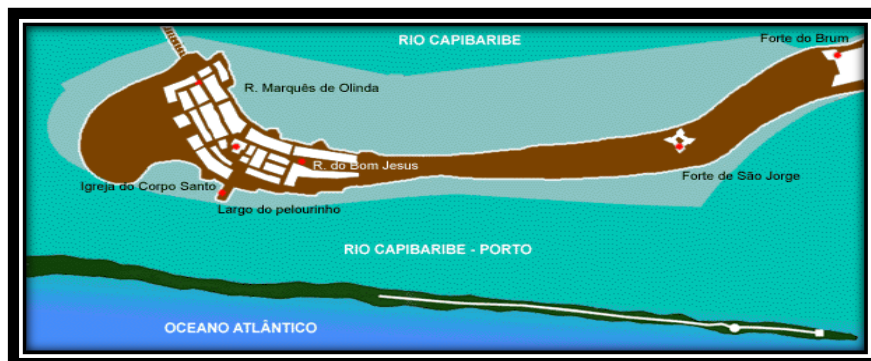
Voltado à ilha do Recife, Pontual (2007) lembra que os planos propostos para o bairro orientaram-se pelo discurso da necessidade de elevar as possibilidades da navegação regular e acessibilidade à área de armazenamento de mercadorias. Segundo a mesma autora, estes programas geraram alterações aceleradas na estrutura do bairro iniciando-se em meados do século XIX com duração até a primeira década do século XX.



Desenho 1: Bairro do Recife em 1631. O domínio Holandês apresentava uma urbanização inicial. Importantes elementos são identificados, como o Forte de São Jorge e a Igreja do Corpo Santo (GIRÃO, 2005. P. 107)



Desenho 2: Bairro do Recife em 1637. Apenas 6 anos após o início do governo Holandês, grandes mudanças são percebidas no bairro. Além do aumento do espaço do bairro encontra-se já a presença do Forte de Brum (GIRÃO, *op. Cit.* p.108).



Desenho 3: Bairro do Recife em 1648. O Bairro do Recife apresenta uma maior área e maior índice de urbanização. Já pode ser observada a Rua do Bom Jesus, Rua Marquês de Olinda e a Ponte Maurício de Nassau para ligar o bairro à cidade Maurícia (GIRÃO, *op. Cit.* p.109)

Os programas de melhoria do porto do Recife foram determinantes para a atual configuração urbana do bairro. Aumento da muralha, reforço em diques e melhorias na infra-estrutura, além de objetivar uma modernização e ampliação das atividades portuárias, aumentaram a área do bairro em 16 ha e facilitaram o acesso à área central. Tal processo teve início com atividades de abertura de três grandes avenidas, além de alargamentos das vias já existentes sendo necessário um grande número de desapropriações, iniciando assim as grandes mudanças na área central da cidade (PONTUAL, 2007).

Dentre os 26 projetos apresentados para a modernização do porto, o projeto mais interessante foi comandado pelo Engenheiro Alfredo Lisboa. Intitulado de “Memórias do Plano Geral de Melhoramento do Porto do Recife” o projeto tinha como proposta melhorar a circulação nas áreas do porto proporcionando assim sua modernização.

Apesar de ter alcançado alguns de seus objetivos, a área portuária da cidade do Recife entra em forte declínio no início dos anos 30. Uma série de fatores transformou uma das mais próspera e tradicional área da cidade em um local com quadro ambiental degradado e esquecido.

A partir de 1930 o bairro do Recife iniciou um enorme processo de esvaziamento de suas estruturas urbanas e sociais. O deslocamento do centro econômico para o bairro de Santo Antônio transformou o local em área voltada apenas para o comércio atacadista e de serviços financeiros. Apesar de o porto ter se ampliado, adquirindo novas áreas no bairro, a economia local já havia perdido a imagem de prospera e pujante (LACERDA & ZANCHETI, 1999).

Aliado a isto, a metropolização dos anos 60 e 70 esvaziou o bairro populacionalmente. Dois novos eixos de habitações ganharam importância na cidade, sendo ocupados pelos antigos moradores do centro histórico. Bairros como Espinheiro, Casa-Forte e Boa Viagem ganharam edificações verticais e moradores de classe média. Comércio e serviços especializados seguiram o consumidor e alojaram-se nestes novos locais.

Algumas políticas públicas também contribuíram para a diminuição do ir e vir no centro da cidade. A transferência do terminal rodoviário para área afastada da cidade e a desativação da antiga estação ferroviária auxiliaram o isolamento do bairro.

Somado a isto, têm-se uma grave crise econômica e a centralidade do sistema de transporte, tornaram o centro do Recife um local para as camadas de baixa renda da cidade. Com isto, o bairro teve seus espaços públicos invadidos por vendedores ambulantes e camelôs (LACERDA & ZANCHETI, 1999).

Todos estes processos penalizaram fortemente o centro urbano que foi paulatinamente abandonado pelas atividades de prestígio de comércio e serviços (LACERDA & ZANCHETI, 2000). Isto fez com que o centro também deixasse de ser uma área residencial o que favoreceu a perda da identidade com a antiga referência histórica tornando-se também um ponto propício à prostituição e boêmia.

“Ou seja, o que se viu no Bairro foi a emergência de um capital construído ocioso, caracterizado pela baixa rentabilidade, significando uma desvalorização da riqueza construída, pública e privada. Pior ainda, o Bairro permaneceu como uma lembrança na memória dos cidadãos da metrópole recifense e não mais se materializava enquanto espaço de convivência. A perda do seu valor cultural foi acompanhada da perda do valor social” (LACERDA & ZANCHETI, 2000).

A dependência do porto, que não exercia mais o mesmo poderio econômico de outrora, não evitou a degradação ambiental do bairro. O local tornou-se carente de moradores, tornando-se um ponto para boêmios, cabarés, boates e prostíbulos.

O Centro passa a ser considerado, uma das principais áreas problemas de toda a cidade, principalmente devido à ocupação das ruas e espaços públicos pelo comércio ambulante. No Bairro do Recife, a degradação física das edificações e dos espaços públicos e a ausência de “vida urbana” estigmatizavam a área como zona “marginal” e perigosa (LACERDA & ZANCHETI, 1999).

Assim decaí também o valor do solo e, logo, o interesse imobiliário. O bairro histórico deixa de ser alvo de interesses de agentes transformadores do espaço urbano de grande influência e torna-se área esquecida das ações de legislação.

Como escreve Lacerda (2007, p.624):

“o bairro tornou-se uma “periferia” na centralidade. Por não se constituir em uma área de interesse do setor imobiliário, não era, conseqüentemente, alvo de disputas políticas quanto à legislação de uso e ocupação do solo.”

A partir dessas constatações, diversos programas implantados pela Prefeitura da Cidade do Recife tentaram reverter esse quadro. Apesar de diversas ideologias e formas de financiamento, todas tinham um motivo em comum: Recuperar o bairro do Recife de sua degradação ambiental.

TRANSFORMAÇÕES EM CENTROS HISTÓRICOS: O Bairro do Recife no caminho da Recuperação

Com o com *Plano de Preservação dos Sítios Históricos da Região Metropolitana do Recife*⁶ em 1976 o bairro volta a ser alvo de ações políticas que buscam dinamizar a área. Neste caso, o plano compreendeu o local como um sítio histórico. Ou seja, todo o conjunto urbanístico passa a ser adotado como detentor de valor artístico e histórico (PONTUAL, 2007).

No bairro do Recife foram contabilizados oito grupos em busca da proteção de igrejas, forte, estação de trem, casario e praças. Para cada conjunto foi estabelecida a delimitação de perímetros, classificados em de proteção rigorosa ou proteção ambiental. A zona de proteção rigorosa seria a área de preservação das características do sítio histórico enquanto que a zona de proteção ambiental era um ambiente de mudança entre a área histórica e outras áreas da cidade.

Apesar de inicial de estabelecer pequenas normas, o plano foi essencial para classificar o centro histórico do Recife como local de identidade a partir de seus espaços públicos. O sítio patrimonial torna-se ainda mais qualificado e passa a ser referência de uma identidade histórica e a uma memória coletiva da sociedade. Com isto, a cidade do Recife aceita seu centro histórico como local representativo de sua multiculturalidade e história.

Como constatado em matéria jornalística de grande circulação na cidade em 11 de outubro de 1987, o bairro sofria com sua perda populacional e abandono imobiliário:

“Dispondo de 1001 unidades imobiliárias, distribuídas em 73 quadras, o bairro do Recife, embora se localize na mais central área do comércio da cidade apresenta um sensível abandono dos seus imóveis pela empresa privada, pública, para comércio ou fins residenciais. Em 1970 existiam 1760 moradores; no Censo de 1980, somente 604 pessoas permaneciam morando. Em relação à ocupação de espaços

⁶ Este plano contabilizou segundo a prefeitura do Recife 109 sítios históricos urbanos e rurais em toda a região metropolitana do Recife. O mesmo buscava integrar os conjuntos de interesses históricos com o processo de desenvolvimento almejado pelas governanças locais.

dos prédios, a estatística vem demonstrando essa evasão.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11 DE OUTUBRO DE 1987, P. A-21)

Com este triste quadro, a Prefeitura da Cidade do Recife promove o *Plano de Reabilitação do Bairro do Recife*. Com a justificativa de recuperar a população residente do bairro e a degradação física da área através de programas de reabilitação de suas estruturas históricas e promoção social aliado com a participação popular (PONTUAL, 2007)

A idéia era utilizar o bairro do Recife como local de escritórios e centro comerciais sem alterar os padrões arquitetônicos dos imóveis. Reativar o antigo bonde, inaugurar um hotel, transformar o 15º andar do prédio da prefeitura em um restaurante panorâmico, construir um terminal de passageiros marítimos e transformar prédios abandonados em habitações coletivas eram algumas das propostas do plano.

O plano de caráter intervencionista visava favorecer a população pobre residente e trabalhadores do Bairro. Os portuários, as prostitutas e os residentes na favela do Rato eram o público alvo e para tanto, foram indicadas à construção de habitações, restaurante popular e um núcleo cooperativo de capacitação de mão de obra.

Segundo Pontual (2007) as propostas seriam realizadas com a participação da comunidade residente no bairro, como pode ser visto no trecho abaixo:

“Objetivando o máximo de aproveitamento do estoque de imóvel existente, localizar e levantar e discutir os critérios de utilização da área com preservação, além de incentivar os proprietários de imóveis a executarem com aporte técnico e acompanhamento da prefeitura do Recife, as obras de recuperação imobiliária de acordo com os padrões arquitetônicos da época de sua construção.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11 DE OUTUBRO DE 1987. P. A-21)

Esta recuperação ocorreu apenas através da pintura das fachadas dos sobrados, financiado por parcerias entre o público e o privado. Apesar da recuperação das fachadas, principalmente da Rua do Bom Jesus, algumas idéias não saíram do papel tornando a reabilitação do bairro uma ação incompleta.

Com o intuito de revitalizar a antiga área central, em 1993 a prefeitura lança um novo plano para o bairro. O *Plano de Revitalização do Bairro do Recife* prioriza a área econômica e efetiva umas das propostas do plano anterior, pintando as fachadas dos casarios antigos através de parceria público/privado.

O enfoque econômico gerou intensos debates sobre o viés a ser tomado. Enquanto técnicos da prefeitura do Recife optavam por investimentos no setor turístico, uma parcela influente da sociedade procurava estimular o desenvolvimento econômico através das atividades portuárias. A Associação Comercial de Pernambuco (ACP) externou seu sentimento contrário a determinados pontos do projeto em reunião realizada no dia 17 de março de 1993:

“Na ocasião, o Presidente da ACP, Mariano de Andrade Lima afirmou que o caminho para a revitalização do bairro do Recife não passa pela utilização de armazéns portuários para fins turísticos e sim, pela garantia de uma infra-estrutura básica ao bairro, com água, esgoto, iluminação eficiente, segurança, limpeza pública etc.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21 DE MARÇO DE 1993. P. C -3)

Além de esta declaração demonstrar a influência de determinados grupos da sociedade civil organizada, demonstra também o conflito de interesses a época de implantação do plano.

A idéia era de atrair novos usuários para o bairro central da Cidade e com isso dinamizar a área. Para tal, os investimentos deveriam ser voltados para atividades de lazer e cultura com enfoques modernos, estimulando a diversidade econômica sem excluir a atividade portuária.

Então, além de conservar o patrimônio histórico e cultural, o plano tinha como objetivo transformar a economia do Bairro, tornando-o um centro regional de serviços modernos, de comércio, de lazer e de cultura para a população da cidade, e centro de atração turística nacional e internacional (LACERDA, 2007).

Segundo Pontual (2007, p.6), a mudança de imagem do bairro era tida como fundamental para o sucesso do plano. Para isso adotou-se o estímulo aos investimentos imobiliários para substituir a imagem relacionada à periferia, possível a partir de projetos de estruturação e recuperação da utilização imobiliária:

“Tornar o Bairro atrativo ao investidor imobiliário seria possível mediante priorização de “projetos estruturadores” e permissão de densificação construtiva. A primeira ação objetivou-se no centro de animação cultural, lazer e comércio do pólo do Bom Jesus. O quarteirão da rua com este nome deveria se constituir num espaço de concentração de atividades à semelhança dos bairros de animação cultural de Nova Orleans, Boston e Amsterdã, articulando espaços fechados e abertos. O pólo do Bom Jesus deveria se tornar no segundo centro de atração turística da cidade, dado que o primeiro permaneceria o Bairro de Boa Viagem.”

Além disto, uma série de projetos aconteceu em busca de tornar o bairro do Recife um local de encontro da população. Passeios pelos rios, observações aos prédios históricos, construções de centros comerciais e de serviços, um Shopping Center de alto luxo, além de apartamentos em antigos armazéns estavam na pauta de transformações do bairro. Todas essas intervenções, compostas também de atividades de melhoria na infra-estrutura, buscavam incluir o bairro do Recife no eixo da acumulação do capital pelos investidores imobiliários, tornando o bairro um espaço cultural de consumo.

Em 1997 a prefeitura formaliza novas normas para o bairro a partir da Lei 16.290, as atividades de revitalização estariam asseguradas e foram estabelecidos três setores de intervenção: Setor de Intervenção Controlada; Setor de Renovação Urbana; Setor de Consolidação Urbana (FIGURA 1).



Figura 1: Bairro do Recife – Configuração espacial. Fonte: Marinho, 1998 *apud* Lacerda, 2007. P. 626)

O Setor de Intervenção Controlada abrigava a área do porto e um conjunto de edificações no estilo Francês; O Setor de Renovação Urbana, destinado aos investimentos privados e públicos imobiliários e o Setor de Consolidação Urbana, voltado para instituições públicas.

Estudos foram desenvolvidos exaltando o Plano de Revitalização do Recife, colocando como um plano rentável e bem sucedido. Segundo estudos financiados pelo BID, os investimentos em recuperação de imóveis ultrapassaram os limites previamente estabelecidos, e a participação do setor privado correspondeu aproximadamente à mesma quantia investida pelo setor público.

Lacerda (2007. P. 629) afirma que:

“O estudo concluiu que, além do êxito de parceria entre o setor público e o privado, a área surgiu como o orgulho dos recifenses e, portanto, fortaleceu a identidade da cidade. Acrescente-se ainda que, ao se transformar em um espaço de encontro, passou a exercer um poder de atração em termos de investimentos privados.”

Já no ano 2000, o Governo do Estado de Pernambuco, lança o projeto *Porto Digital Empreendimentos e Ambiente Tecnológico*. As ações buscam inserir o Estado de Pernambuco nas estradas da modernidade tecnológica, através de investimentos públicos e atuações de empresas privadas no desenvolvimento de *software*. Os recursos são utilizados para a criação e recuperação de infra-estruturas mínimas para o desenvolvimento das atividades, realizadas nos prédios históricos do bairro antigo da cidade. Como afirma Lacerda (2007, p 631) “Sem dúvida, tal iniciativa tem sido importante em termos de recuperação de vários imóveis deteriorados e insere o Estado no símbolo máximo da globalização.”

O Bairro foi escolhido para tal projeto por apresentar uma disponibilidade de espaços ociosos e custo relativamente baixo para empresas; Localização central na malha urbana, permitindo acesso a partir de vários pontos da região metropolitana do Recife; Impulsionar a revitalização do bairro histórico; resgatar o caráter funcional e simbólico do local; e por apresentar uma grande oferta de equipamentos e manifestações culturais, exigidas pelos novos grupos de investidores (GIRÃO, 2005).

“Assim, o Bairro do Recife foi escolhido como palco de um processo de reforma urbana que teve como característica principal revitalizar os antigos prédios coloniais do bairro e criar uma nova estrutura virtual de acumulação” (GIRÃO, 2005, p, 201).

Além destes investimentos, outros prédios históricos foram restaurados para uma nova utilização, como o caso do *Shopping Paço Alfândega* considerado como um centro de vendas para os altos estratos do Recife.

Como momento mais recente dos planos de renovação do centro histórico do Recife chega-se ao projeto Recife – Olinda, firmado em 2005, no qual o bairro antigo da cidade do Recife e áreas históricas de Olinda passam a ser compreendidas não como um local público, mas sim como um ponto privado destinado aos usos da força imobiliária.

O projeto enquadra as renovações numa escala metropolitana, e busca a reabilitação urbana e ambiental através de melhorias nas infra-estruturas; mobilidade; da rede de equipamentos coletivos; valorização paisagística; proteção do ecossistema natural; proteção do patrimônio histórico cultural; além da atração de novos residentes e ampliação da centralidade metropolitana.

O grande debate gira em torno do projeto, que abrange uma área de 2.803.662 m², propor múltiplas intervenções no espaço da cidade e do bairro representando alterações radicais na paisagem de relevância histórica e cultural e a transferência da propriedade pública dos terrenos (PONTUAL, 2007).

Segundo Pontual (*op. Cit*), o modelo do projeto é complexo de ser criticado no âmbito urbanístico, pois apresenta extremas melhorias nas questões de infra-estruturas, moradias e recuperação de antigos equipamentos urbanos. Porém, a crítica básica fica pautada no detrimento do espaço público em relação ao lugar privado. As características imobiliárias do projeto alteram a estrutura histórica da cidade e acabam por privar os habitantes de áreas livres, que não podem ser considerados espaços vazios, pois apresentam uma função de extrema importância para a dinâmica urbana de uma cidade: o equilíbrio da qualidade de vida.

QUESTIONAMENTOS SOBRE O CAMINHAR DA RENOVAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE

Observou-se com o presente texto, de modo introdutório, que o bairro do Recife foi formado a partir de diversos contextos, e com atuação de diferentes agentes o que confere a ele uma paisagem eclética e complexa de ser analisada.

Além disto, pode-se compreender que o bairro do Recife é um patrimônio cultural⁷ da cidade. Seu conjunto urbano diferenciado são objetos culturais de tempos passados que possuem um valor histórico e cultural agregados.

Também foi apresentado que o bairro, ponto chave da representação da Cidade do Recife, encontra-se em um lento processo de recuperação ambiental. Este processo passou por diversas etapas, onde o primeiro plano propôs a manutenção do acervo urbanístico, o segundo a recuperação das estruturas históricas priorizando dimensão econômica, o terceiro estimulou os investimentos privados, e quarto e mais recente coloca o bairro como um negócio privado, dependente do capital imobiliário.

E acreditando que, qualquer ação recuperadora deverá ter o homem como protagonista principal, entendido como produtor, transmissor e portador de patrimônios culturais (PALET, 2006), surgem alguns questionamentos ao processo de renovação urbana do Bairro do Recife:

A inovação dos pensamentos urbanísticos apontada por Pontual (2007), onde o poder público perde o caráter de pensar e realizar as ações, passando esta função ao negócio privado, não seria o responsável de limitar, ou até mesmo excluir o papel principal do homem no processo de recuperação?

Quando as melhorias sociais para os moradores do bairro histórico do Recife, especificamente os habitantes da favela localizada na área histórica, estarão na pauta dos planos de recuperação do Bairro?

O que fazer com a massa excluída do processo a partir do momento em que a cidade é pensada de modo público-privado, como integrar esta massa nos processos de (re)identificação do centro histórico?

E por fim, Como manter o sentimento de identificação com o centro histórico após alterações bruscas na sua paisagem?

Pontual (2007) referindo-se à configuração urbana do Recife lembra que esta não é relativa apenas aos quatro séculos de formação da cidade. Mas que depende também das práticas urbanas realizadas em seu espaço.

Atualmente, esta configuração depende também dos programas de recuperação do Centro Histórico, ações de grande importância para o estágio atual do desenvolvimento urbano do sítio histórico do Recife, um patrimônio que necessita de conservação e melhor gestão, para assim, tornar-se um presente às gerações futuras, revalorizando a identidade da população recifense.

⁷ “Patrimônio cultural é baseado no novo conceito de história, segundo o qual os bens culturais são objetos herdados do passado, associados a um valor histórico, a um fato cultural e a uma personalidade cultural e artística específica” (PEREIRA JUNIOR, 2004)

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Josué. A Cidade do Recife. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1987.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11 DE OUTUBRO DE 1987. P. A-21
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21 DE MARÇO DE 1993. P. C -3
- GIRAO, C. S. Porto digital do bairro do Recife: Uma Ilha de Riqueza em um Mar de Pobreza. Dissertação de Mestrado; Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.
- GOMES, E. T. A. . Um Passeio Temático pela Cidade do Recife: o processo de revitalização, êxitos e fracassos. Memórias: revista digital de história Yarqueología desde El Caribe - Colômbia, v. 3, N° 6, 2006.
- LACERDA, N.; ZANCHETI, S. A Revitalização de Áreas Históricas como Estratégia de Desenvolvimento Local: Avaliação do Caso do Bairro do Recife. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 30, n. 1, p 8-24, jan-mar 1999
- LACERDA, N.; ZANCHETI, S. Planejamento metropolitano: uma proposta de conservação urbana e territorial. Revista Latinoamericana de Estudios Urbanos Regionales, Santiago do Chile, v. 26, n. 79, p. 77-94, 2000.
- LACERDA, Norma. Intervenções no bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade. Soc. estado. , Brasília, v. 22, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Apr 2008.
- MERTINS, G. . La renovación de los centros históricos en Latinoamérica: Fases, conceptos y estrategias. Memórias: revista digital de história Yarqueología desde El Caribe - Colômbia, 2006.
- PAAL, M. (2008): The end of the Viennese way? Changing strategies and spatial impacts of soft urban renewal in the Austrian capital. - In: Investigación y desarrollo 16/1: 130-145.
- PALET, M.; SARDIÑAS, O.; GARCIA, M. . La restauración como actor principal de la revalorización del espacio local. La Habana Vieja, patrimonio vivo.. Memórias: revista digital de história Yarqueología desde El Caribe - Colômbia, v. 3, N° 6, 2006.
- PEREIRA JUNIRO, C. B.. Conservação da Cobertura Vegetal como Elemento Fundamental do Patrimônio Cultural, Estudo de Caso: Olinda. Dissertação de Mestrado; Mestrado em Desenvolvimento Urbano; Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- PONTUAL, V. Prácticas urbanísticas em áreas históricas: o bairro de Recife. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XII, nº 752, 5 de octubre de 2007. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-752.htm>>. [ISSN 1138-9796].
- REZENDE, Antonio Paulo. O Recife – Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- VERGARA, Adrian. . Transformaciones de la imagen de una ciudad: Repercusiones de la renovación urbana. Memórias: revista digital de história Yarqueología desde El Caribe - Colômbia, 2006.